

**REZAS E BENZEDURAS NO COTIDIANO AFRO-RELIGIOSO DO
BAIRRO RUA NOVA**

Flávia Santana Santos | ayofemy@hotmail.com

Emanoel Luís Roque Soares | el-soares@uol.com.br

*“Com que é que se cura Maria?...
com um padre nosso
e uma Virgem
Maria!”*

Trecho de uma reza popular

APRESENTAÇÃO

Trazendo o sertão da Bahia como espaço no qual se deu os percursos e caminhos da dinâmica cultural da população negra na diáspora, destaca-se aqui um dos fatores desse processo histórico, a afro-religiosidade. A disseminação do catolicismo, do culto a Virgem Maria, fundido com elementos do candomblé, geraram um culto ao sagrado, conhecido como catolicismo popular, que de forma peculiar, atravessou os séculos na região do sertão. É notório que essa tradição afro-religiosa de rezas e benzeduras está enraizada no cotidiano dos afrodescendentes e em sua memória coletiva, pois, nela está suas heranças religiosas, sua ancestralidade.

Este artigo foi desenvolvido a partir do relato oral de D. Tecla, a qual descobriu seu dom mágico-curativo ainda adolescente, rezando e benzendo aqueles que a procurassem. Após o declínio do cultivo das monoculturas da roça que matinha com sua família na zona rural de Antônio Cardoso, ela migra para Feira de Santana, vindo a morar no bairro de Rua Nova, onde continuou a rezar e benzer.

Esse saber mágico-curativo desenvolvido e professado por D. Tecla, pode ser influenciado pelos encantados¹⁹⁹, que em manifestação realizam as rezas e benzeduras curando as doenças do corpo e espírito, ou aprendido com um mestre (o caso de D. Tecla), e aprimorado com o passar do tempo. Aspectos diversos de uma sacralidade que podem ser aflorada ou pela corrente do candomblé, ou pelo culto a Virgem Maria elencado aos saberes mágicos-curativos das plantas.

Fragmentos de duas rezas trazidos abaixo, permitem verificar a fusão dos poderes

199 Aqui o termo encantado faz menção aos caboclos – entidades indígenas que são cultuadas principalmente no candomblé de Nação Ketu, e na Umbanda.

delegados as plantas e a Santa Maria, como forças que operam conjuntamente para a realização da cura.

Fogo Selvagem

O fogo selvagem, a vassorinha dentro de um pires com água... “fogo selvagem com quem se cura Maria?... fogo selvagem ardente, padre nosso e com a virgem Maria... com quem é que se cura Maria?... um padre nosso com a virgem Maria.” Fogo Selvagem, é três vezes passando o ramo, e depois reza um padre nosso, uma virgem Maria, Santa Maria, isso é fogo selvagem.

Olhado Quebrante

“Olhado quebrante... com três eu te tiro, com os poder de Deus e da virgem Maria. Se for no comer, na qualidade, na “buniteza”, no comportamento, no andar... no vesti, no calçar, na alegria... tirar essa mufina, esse quebrante de cima de fulana, da pessoa com os poder de Deus e da Virgem Maria!”

O fenômeno religioso abordado no artigo se desenvolve no bairro de Rua Nova logo nas primeiras décadas de existência. Esse professamento de fé era muito comum entre os moradores, por serem em maioria, oriundos da zona rural, onde às práticas dessa manifestação mágico-religiosa é uma tradição. Essas localidades rurais são provenientes do resíduo histórico da escravidão na qual, grande parte da população escrava e, até mesmo seus descendentes, conseguiram construir pequenos campesinatos²⁰⁰ e nele uma forma cultural peculiar, o que pode ser visualizada principalmente na religiosidade, fator que não passa ileso das interações sociais que acometeram as formas campesinas.

A perspectiva aqui é poder traçar dois aspectos julgados importantes para compreensão da discussão, à ascensão e visibilidade, que as manifestações afro-religiosas tinham no bairro, e ao mesmo tempo como elas caíram em esquecimento tendo como fator precarizante a nova mentalidade religiosa – cristã-evangélica que, dissipou, se instalou e sobrepôs a cultura afro-religiosa com os discursos de endominação das práticas e as formas de fé professadas pela comunidade negra. Compreende-se que o que ocorreu no bairro foi o insolamento e destituição dessas práticas como formas sagradas, talvez por essa manifestação ser fundamentada cosmoцентриamente na não dissociação dos elementos ditos profanos e ditos sagrados.

200 Grupo de base familiar, ou indivíduos que estabeleceram redes de sociabilidades para a produção agrícola.

REZAR E BENZER: UM SABER AFRO-RELIGIOSO NO SERTÃO DA BAHIA

A trajetória da população negra é marcada por um enfrentamento ao silencioso apagamento dos símbolos da cultura negra, seja ela a música, a dança e as manifestações religiosas, não que os dois aspectos não envolvam a religiosidade, já que dentro da cosmovisão afrodescendente esses elementos não possuem dissociação, estão eles todos imersos no mesmo plano de significações na cultura negra. “Tendo a cultura entendida como patrimônio simbólico, na formulação os elementos morais, estéticos e filosóficos presentes no território sagrado”²⁰¹, não há binarismos, partes divergentes, o que há é uma relação de unidade na qual sagrado e profano caminham juntos re-elaborando as marcas simbólicas do universo afrodescendente.

Onde há gente, há real e sobrenatural, há profano e sagrado e todas as outras sublevações que emergem dos corpos untados de fé nas fontes espirituais que alimentam o ser em si, sem materializar e racionalizar a crença. “A religiosidade popular jamais de opõe a natureza à cultura, mas favorece, ao contrário, a interpretação do sagrado e do profano na vida diária, por causa exatamente da crença na imanência do divino”²⁰².

O diferencial é muitas vezes desafiador para a compreensão do universo do catolicismo popular que tem em suas partículas basilares elementos incomuns e ao mesmo tempo convergentes porque, logo, dialogam com as ações esotéricas das crenças sem hierarquilizá-las, tendo a fé como grande “movedouro” da relação do ser com o sobrenatural.

O que aconteceu com as interações ocorridas entre a cultura eurocêntrica e afrocêntrica, foi uma ressignificação cultural realizada pela população afrodescendente, que, por congregar sua própria episteme sobre as coisas e o mundo, e trazer consigo uma cosmogonia, foram capazes de ver e fazer consonâncias nas várias formas do sagrado como manifestação sem interlocuções ideológicas. Diferentes dos brancos que já utilizavam sua crença como forma de dominação e imposição cultural do sagrado em si. Ao povo negro coube a face do entendimento das coisas etéreas sem essa interdição metafísica da qual os brancos por muito tempo utilizaram como forma de abominação e endonização das manifestações sacro-santas do povo negro. Em primeiro passo a disputa dentro do plano simbólico, às cegas, segundo a negação existencial da sacralização de deidades as quais não pertencia ao *panteon* cristão.

201 Senna, 2014, p. 65

202 Nascimento, 1997, p. 247 *apud* Senna, 2014, p. 117

Mas, o grande desfecho dessa luta moral por sacralidade, foi o nascimento de uma manifestação – *afro-religiosidade* que autonomamente se estabeleceu nas singularidades das roças²⁰³ – comunidades negras que de certo aprenderam a chamar por Oxalá e Jesus, na mesma prece, ou pelas vozes roucas das senhoras que em seus pequenos altares clamavam a Virgem Maria.

[...] a religião católica das populações rurais, como: “não expiatória, mas propiciatória e impetratória; uma religião de santos, não tanto de sacramentos; uma religião “privatizada” em capelas e oratórios domésticos e menos centralizada em uma igreja matriz; uma religião na qual se “recebe” o batismo e o matrimônio, mas em que esses sacramentos conservam pouco de sua função de integração social; os conceitos de pecado e culpa, salvação e danação, céu e inferno pouco são cultivados, o que lhes confere um débil poder prescritivo; os santos não funcionam tanto como exemplos de vida moral, mas como amos diante de uma forma religiosa que corresponde aos que lutam cotidianamente pela sobrevivência, fazem sua livre escolha entre os temas religiosos que se lhes apresentam sem muita coação por parte de eventuais agentes de pastoral. Esse catolicismo escapa em grande parte ao dogma e à moral da Igreja [...]”²⁰⁴

Essa ação em si, pertence ao movimento produzido pela diáspora, no qual elementos simbólicos da cultura negra se dilataram e agregaram outros tantos elementos de culturas díspares, mas que possuem signos, significados que em detrimento as formas cosmôgonicas, tornaram-se possível criação de linhas simétricas as quais desenharam simulacros de significação e ritualização da espiritualidade.

Para o homem branco foi, e é impossível de se conceber como as populações negras tiveram a elasticidade psico-metafísica de unir divindades, santos, encantados em um mesmo espaço dentro do imaginário religioso. As manifestações afro-religiosas de longe nunca foram uma aberração divinal, mas sim a mais pura sublevação e compreensão da espiritualidade completa e repleta de força que emanada de dimensões sobrenaturais as quais alimentam a ancestralidade das comunidades negras sem fechamentos e oclusões, mas com aceitação e compreensão da totalidade do ser e sua relação com o sobrenatural.

O catolicismo conseguiu adentrar os sertões, a figura de Jesus se tornou multifacetada, Maria ganhou várias qualidades assim como os orixás, e junto como as plantas, passou agir

203 Nesse artigo se trata especificamente da região do sertão – zona rural local onde as manifestações pesquisadas surgiram, e os sujeitos da pesquisa se originaram, por tanto, não se nega aqui que essas manifestações mágico-religiosas tenham surgido e sido praticadas também em outros territórios como as áreas de grande concentração de população escrava, ou que mais tarde se tornaram densos territórios de identidade negra.

204 Azevedo, 2002, p. 13

no imaginário religioso das mulheres e homens que por força das outras forças – encantados, ou somente a fé no invisível, curavam aqueles que acreditavam nas suas benditas palavras.

A fé catolicizada está muito mais atuante no campo da mentalidade religiosa do que na própria vivência, os dogmas, os sacramentos não são tão vigentes dentro desse modo religioso dinâmico e vivenciado cotidianamente pelos fiéis que, apenas vão às capelas em momentos ditos importantes, outros nem isso, se satisfazem com o saber da fé aprendido, e passam a professar sua fé sem precisar se culvar ao *Santíssimo*²⁰⁵. “A religiosidade escapa da dimensão restrita do religioso e invade todas as esferas do cotidiano”²⁰⁶, numa nova lógica de olhar o sagrado e aproximá-lo da vida real.

Isso acontece com os agente-religiosos que constroem sua própria forma de adoração e relação com os santos, promovem a quebra da interlocução clerical, e passam a lidar diretamente com as santidades. Esse movimento de translocação acontece pela descoberta da mediunidade, algo banido e santanizado pela igreja. Quando o ser se descobre em corrente direta com os santos e divindades, se rompe as intermediações humanas, agora é o ser diretamente conectado com as forças divinas que os orientam e os acompanham.

Mas ser um agente-religioso compete a quê? Quais as forças, os caminhos, que se aprende ou se descobre para ser um agente que lida com as forças etéreas? Trazendo a experiência religiosa de D. Tecla, torna-se visível as múltiplas formas que levam os seres a desenvolverem suas práticas que se desenham no universo sobrenatural das rezas e benzeduras.

*Aprendi com doze anos... uma mulher que chamava D. Benta, ela ensinava a gente a rezar, Ia pra lá para casa dela... às vezes, ela vinha rezar uma pessoa, o povo chamava e ela vinha rezar, aí ela rezava aquela pessoa e a gente ficava olhando e pedia para ela ensinar, aí ela ensinava a gente... ela tinha uma faixa de uns setenta anos... já tava velha! Ela me ensinou, ensinou as meninas... quem teve o juízo bom aprendeu, quem não teve... ensinou todo mundo lá, quem pedia para ensinar ela ensinava... ela usava para rezar a vassorinha, cada folha é um tipo de reza, a vassorinha é fundamental na reza, pode rezar com Tio-io. Ela me ensinou a rezar com um alho atrás da “oreia”, qualquer reza que a gente for rezar ponhe um alho atrás da orelha, a rezadeira que tem que usar, o alho quebra a maldição... lá na roça eu era famosa, era só me chamar, eu rezava galinha pinto de olhado que ficava batendo a asa... o quê fica aí! Eu tirava na hora. [...]*²⁰⁷

205 Ostensório – onde se colocar a hóstia – utilizado em ritos das celebrações especiais da igreja católica.

206 Oliveira, 2003, p. 85

207 D. Tecla, entrevista concedida 18/12/2014.

D. tecla foi uma aprendiz de D. Benta, uma mestre. Valendo-se do método da observação D. Tecla conseguiu aprender as rezas, conjuntamente os fundamentos utilizados nos momentos a prática curativa, com certeza, a formação religiosa recebida da sua família por D. Tecla, permitiu a criação do universo simbólico no qual a crença nas coisas naturais, e nos santos poderiam agir como força sagrada no corpo e na alma das pessoas. A palavra como partícula de vida disseminando energia no espaço mágico-religioso do imaginário coletivo da família, da criança e da comunidade. O que fica claro nesse relato é que de anti-mão é possível ter uma vivência de crença nos santos e nas formas de manipulação das plantas como signos de cura, além disso, existe uma relação intrínseca com o tempo – os horários apropriados para a realização das rezas e benzeduras –, que D. Tecla narra da seguinte forma:

[...] de manhã de sete horas até onze ou onze e meia, e de uma hora em diante de uma e meia duas horas, porque não pode rezar doze horas em ponto! E nem depois que o sol se põe... e nem pode rezar doze horas, porque a hora que tá tudo solto...[...]

Esse fundamento encontrado no ritual da reza e da benzedura, é semelhante ao encontrado nos rituais do candomblé no qual o tempo é o um dos principais vetores das energias que circundam o sagrado, essa semelhança não pode ser considerada uma coincidência, mas sim, elemento do candomblé que foi inserido dentro do processo mágico-religioso do benzer e rezar. As similitudes encontradas são pontos fortes da fusão entre as manifestações afro-religiosas.

BENZER E REZAR EM TEMPOS DE FÉ: A RUA NOVA E SEU COTIDIANO AFRO-RELIGIOSO

A Rua Nova, uma comunidade negra que se constituiu entre as décadas de 40 e 50 na região central de Feira de Santana²⁰⁸, tem por potencial seus aspectos sócios-culturais que revelam os movimentos singulares produzidos pelas populações negras na sua diáspora pela Bahia. Situada na região do sertão, logo, a massa populacional que co-habitou o espaços citadinos foi da zona rural – a mesma massivamente negra se tratando do entorno geográfico consequentemente demográfico.

208 Sobre formação do Bairro de Rua Nova ver: PINHO, Deise Karla Santana. **ÊTA RUA NOVA DOS DIABOS! Representações sobre um bairro pobre na cidade de Feira de Santana. (1970 a 1980)**. UEFS (Monografia – História), Feira de Santana, Bahia, 2010.

No bairro aflorou as formas peculiares da cultura negra, sendo o viés religioso o mais expressivo. Todas as festas e festejos ocorridos dentro do bairro estavam ligados as manifestações afro-religiosas – as festas de candomblé, ou até mesmo as sincretizadas: Caruru de sete meninos, Trezena de Santo Antônio, Novenas e a famosa pipoca de São Roque, o cotidiano era religioso e recoberto de simbologia. Por ser da zona rural, a maioria dos moradores mantinha a tradição de ter em suas casas seus pequenos santuários, altares e pegis. A fé como elemento diário, do nascer ao por do sol, na significância do rosário trazido de Bom Jesus da Lapa, até os quadros do sagrado Coração de Jesus. Eram tempos de fé.

[...] a vida religiosa dos católicos brasileiros reduz-se ao culto dos santos, padroeiras das cidades ou freguesias, ou protetores das suas lavouras, de suas profissões ou de suas pessoas, – um culto em grande parte doméstico e que não se conforma muito estritamente com o calendário oficial da Igreja nem com as prescrições litúrgicas; esse culto traduz-se muito em novenas e orações recitadas e cantadas, em procissões e em romarias aos santuários em que se veneram as imagens mais populares ou têm sede algumas devoções favoritas do povo [...] ²⁰⁹

As redes de sociabilidades construídas dentro do bairro, permitiu a formação de uma camada religiosamente atuante a qual estava inserida nas relações fraternas, parentais, era muito comum manutenção de um grupo para recitar os versos da Salve Rainha, Creio, Pai Nossos e Ave Maria, a luz de vela, na sala da casa das senhoras. Essa rede de convivência propiciava uma relação estreita e de confiança, logo, recorrer a quem soubesse rezar e benzer era está salvo do mal, amém.

Segundo D. Tecla era muito comum as pessoas pedirem para serem rezadas, elas acreditavam na reza como prática de se curarem de um mal estar, dor de cabeça, problemas espirituais. Ela fala sobre os males o quais as pessoas eram curadas através das rezas e das benzeduras:

Rezava... rezava qualquer pessoa que aparecia... “dismetidura”, quando a pessoa desmentia um braço ou uma perna, eu rezava... e rezava de olhado e fogo selvagem também! Fogo selvagem é aquela doença que dá na pessoa, aquele vermeião! Fica vermelho entabulado parecendo cobrero, “envermelhado”. ²¹⁰

Dentro do universo das rezas e benzeduras, existem insígnias que qualificam as

209 Azevedo, 2002, p. 36

210 D. Tecla, entrevista concedida 18/12/2014

mulheres a se tornarem agente mágico-religiosa. As mulheres que tiveram filhos gêmeos, as que eram filhas de santo com certo tempo de feitura, e as que tinham descendência indígena, muitas mulheres na comunidade desempenharam papel de agente mágico-religiosa.

Essas agentes mágico-religiosas professavam sua fé livremente sem regulações e interferências de outra orientação religiosa, mas com o passar do tempo foram se tornando “guetizados” pelo disseminado do culto cristão- evangélico, através da proliferação de templos e casas de orações, os quais passaram a deturpar e diabolizar as manifestações de fé da comunidade negra. Algumas senhoras que desempenharam papel de agente mágico-religiosa aderiram ao protestantismo e abandonaram sua crença nas plantas e nos santos, outras ainda continuaram a rezar, mas não com a intensidade de antes. A memória ancestral foi suplantada pela doutrina das igrejas protestantes, e o saber popular silenciou-se.

CONCLUSÃO

O que fica evidente é de como a mentalidade cristã-evangélica conseguiu progressivamente se disseminar na comunidade, fazendo com que uma mentalidade religiosa fosse estabelecida de forma tão rápida, inclusive fazendo com que muitos indivíduos mesmo não inseridos nas congregações cristãs tenham aderido esse pensamento intolerante sobre as práticas afro-religiosas de rezar e benzer, e até mesmo a fé católica, além de toda e qualquer manifestação da cultura negra, o que seria enfim esse adentramento das igrejas nessa comunidade negra, o avessamento do pensamento, uma imposição cultural através da fé? Alienando e conseqüentemente apagando os traços cotidianos da cultura negra dentro de um território massivamente negro. Perguntas e respostas nas mesmas linhas temporais que constroem o imaginário, o real e o simbólico de uma comunidade que convive com a imposição religiosa doutrinária a qual, promove o apagamento dos traços identitários de uma comunidade erguida no enfrentamento, no resistir as adversidades que socialmente acometeram a população negra que teve como projeto o bem viver, a sobrevivência do corpo, e das imaterlidades – sua fé, sua cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Thales de. **O catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social.** – salvador: Edufba, 2002.

NASCIMENTO, Maria Angela Alves do. **As práticas populares de cura no povoado da Matinha dos Pretos-Ba: eliminar, reduzir ou convalidar?** 1997. Tese (Doutorado em Enfermagem) – USP, São Paulo, 1997. In: SENNA, Ronaldo de Salles. **Feira de Encantados: uma panorâmica da presença afro-brasileira em Feira de Santana: construções simbólicas e ressignificações** – Feira de Santana: UEFS Editora, 2014.

OLIVEIRA, E. D. **Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. Fortaleza: LCR, 2003. 184p.: il.

_____. **Epistemologia da Ancestralidade**. Disponível em:
<www.entrelugares.ufc.br/phocadownload/eduardo-artigo.pdf> Acessado em 24/07/2015.
SENNA, Ronaldo de Salles. **Feira de Encantados: uma panorâmica da presença afro-brasileira em Feira de Santana: construções simbólicas e ressignificações**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014.